

IMAGENS DISCURSIVAS, USOS E OCUPAÇÕES DOS ESPAÇOS PRAIANOS DE FORTALEZA

Wellington Ricardo Nogueira Maciel¹
Programa de Pós-Graduação em Sociologia
Universidade Federal do Ceará

RESUMO - Este artigo se propõe investigar as mudanças nas imagens discursivas produzidas sobre a Praia do Futuro. Para alcançar esse objetivo optou-se pela análise de discurso de jornais e outras formas de texto. Grosso modo, as classificações sociais que tomam a Praia como objeto de promessa e desejo possuem certa relação cronológica com os usos residenciais. Já a classificação de praia mais badalada está associada à dinâmica dos espaços de lazer.

PALAVRAS-CHAVE: usos, classificações, análise de discurso, Praia do Futuro.

DISCURSIVE IMAGES, USES AND OCCUPATIONS OF THE SEASIDE SPACES OF FORTALEZA

ABSTRACT - This article aims to investigate the changes in the discursive images produced about Praia do Futuro. To achieve this objective we chose the discourse analysis of newspapers and other forms of texts. Roughly speaking the social classifications that take the beach as an object of promise and desire have some chronological relation with the residential uses. The classification of the most exciting beach is linked to the dynamics of leisure spaces.

KEY- WORDS : use, classification, discourse analysis, Praia do Futuro

INTRODUÇÃO

Um das vias possíveis de acesso às classificações produzidas sobre lugares praianos são os guias de viagens. Freire (2008), no seu “guia de praias”, apresenta uma sugestiva imagem do principal espaço de lazer praiano da cidade de Fortaleza: a Praia do Futuro², “a praia das megabarracas”. No início da introdução do seu guia, ele lança a seguinte pergunta: “Qual é a nossa praia?” A resposta que oferece é significativa a propósito da maneira como o local é visto atualmente por visitantes e empresários interessados no seu lazer: “Não temos as praias mais bonitas do mundo, mas temos as

¹ Doutor em sociologia (UFC). E-mail: wellsociologo@hotmail.com. Professor da Faculdade RATIO/Fortaleza, Ce. Este artigo incorpora parte das discussões realizadas em minha tese de doutorado “Tempos e espaços da Praia do Futuro: usos e classificações de uma zona liminar”, defendida em julho de 2011 junto ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará.

² A Praia do Futuro se encontra ao leste da Capital do Ceará. Divide-se, do ponto de vista da administração municipal, em duas grandes áreas: Praia do Futuro I, que tem início nas proximidades dos bairros Mucuripe e Cais do Porto, indo até a rua Renato Braga, nas imediações do Clube dos Engenheiros; e a Praia do Futuro II, que segue desse trecho até o rio Cocó, na divisa com a Praia da Sabiaguaba, último trecho de orla da Cidade. Segundo dados do último censo do IBGE (2010), a Praia do Futuro I possui 6.630 habitantes, enquanto a Praia do Futuro II reúne 11.957 habitantes, totalizando em conjunto 18.587 moradores. Em dez anos a Praia do Futuro I obteve crescimento populacional de 127,29%.

praias mais gostosas do mundo.” Fiel a essa linha de argumentação e pondo como garantia sua experiência de atento observador, Freire situa a Praia do Futuro em relação a um referente espacial mais próximo: a Beira-Mar:

Água verdinha, um belo recorte, calçadão, prédios chiques, bons hotéis com vista para o mar – esqueça: tudo isto está a 5 km de distância na bonita porém poluída orla da Beira-Mar, imprópria para o banho. Sem outra alternativa, Fortaleza fez da Praia do Futuro sua praia urbana. Extensa, reta, de faixa larguíssima de areia, vento constante e ondas intermitentes, não seria a praia mais agradável do mundo. Mas daí o fortalezense inventou as megabarracas de praia – verdadeiros clubes à beira-mar, que compensam a falta de conforto natural da praia com uma estrutura inacreditável.

A nomeação de “praia das megabarracas” presente no guia de Freire (2008) reporta, do ponto de vista analítico, à questão metodológica levantada por Depaule e Topalov (2001) sobre as múltiplas maneiras de nomear as zonas de uma cidade: abordar as cidades através das palavras que as designam e designam suas diferentes partes? É com esse instigante questionamento que os autores abrem o não menos sugestivo texto “A cidade através de suas palavras”. A inquietação presente na pergunta se deve ao fato de que, de uma forma ou de outra, se privilegiou entre viajantes e etnólogos, geógrafos e historiadores, lexicógrafos e linguistas ora a própria língua, sua riqueza, sua evolução e suas particularidades e muito pouca atenção se deu ao objeto do discurso, ou, por outro lado, a atenção recaiu sobre este, levando-se a afirmar que as palavras apenas designavam coisas que lá estavam antes de serem nomeadas.

Em consonância com Depaule e Topalov (2001, p.19; 29), compreendo, por um lado, que as palavras que nomeiam os espaços da cidade podem representar sim ricas fontes de investigação, quando se trata de compreender as maneiras singulares pelas quais elas os informam e constituem. Por outro lado, ao se observar como são designadas as zonas de uma cidade, é possível olhar as palavras como expressões das dinâmicas urbanas que se inscrevem simultaneamente na cidade e na linguagem.

Proponho partir desse duplo movimento, da palavra à cidade/da cidade à palavra, para tratar neste artigo das classificações dos usos da Praia do Futuro produzidas por jornais, empresários e Poder Público. Para tal me basearei na análise de discurso (GIL, 2007), que rejeita a visão realista de que a linguagem é um meio neutro de refletir ou descrever o mundo. Pelo contrário, o texto discursivo é entendido aqui como uma prática social, uma forma de ação e um elemento constitutivo da “realidade”, sendo possível vislumbrar por meio dele lutas de classificação do mundo social.

Grosso modo, as classificações que tomam a Praia como objeto de desejo, promessa, julgamento ou planejamento possuem certa relação cronológica com os usos residenciais: “praia do futuro”, “Futura praia de banho” e “Futura barra da Tijuca” durante as décadas de 1950, 1960 e 1970, quando inexistia infraestrutura urbana no local; “praia do presente”, “praia do crescimento anárquico”, “praia do caos urbano”, nos anos 1980, em referência à ausência de controle sobre o aumento dos usos residenciais e de lazer; e “a praia mais badalada da cidade” a partir dos anos 1990, imagem mais associada aos grandes complexos de lazer que cresceram nos últimos anos.

IMAGENS DA PRAIA DO FUTURO

Até a década de 1930, Fortaleza ainda não havia descoberto o banho de mar como programa de lazer, daí falar-se que a cidade cresceu de “costas para o mar”. A posição de alguns dos seus edifícios mais antigos, construídos no século XIX, atestam esse fato: Santa Casa de Misericórdia, Estação João Felipe e Cadeia Pública. A exceção do Forte Shonnenborch erguido na colina Marajaitiba, em 10 de abril de 1649, pela expedição do holandês Matias Beck, a cidade de Fortaleza³ durante décadas desprezou o mar, estando seus principais prédios voltados para o sertão.

A Praia de Iracema já despontava como cartão postal, embora tenha sido quase totalmente destruída após as obras do porto do Mucuripe (1939-1942). Novas áreas já figuravam como locais para outras atividades, como a Barra do Ceará, a oeste, que por esse período era utilizada para pousos e decolagens de hidroaviões, comuns à época, e a Praia do Futuro, ao leste.

Nas referências às práticas de banho de mar em Fortaleza de meados do século XX são comuns alusões aos comportamentos dos banhistas, sempre qualificados de reclusos, cujos corpos surgiam sempre encobertos, além de certo desprezo demonstrado pela área litorânea. Nos clubes sociais, esse tipo de constrangimento poderia ser em parte evitado e controlado (PONTES, 2005).

Segundo Pontes (2005), o surgimento dos chamados clubes sociais desde a década de 1930 atesta o desejo despertado pelo mar em parte da elite da cidade via

³ Apesar das expedições de Pero Coelho (1603), Martin Soares Moreno (1611) e Matias Beck (1649), Fortaleza, capital do Estado do Ceará, só foi elevada à condição de cidade no dia 13 de abril de 1726, quando foi instalada a Vila de Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção, pelo Capitão-Mor Manuel Francês. Essa passou a ser a data oficial de fundação da Cidade.

isolamento físico e separação social. Desse momento em diante, a Capital se volta para o mar por meio da invenção e organização de espaços de lazer e sociabilidade.

Em virtude da localização desses clubes, algumas regiões passaram a ser valorizadas para as práticas de lazer. Como observou Jucá (2003, p.139-140),

(...) o interesse dos fortalezenses pela região praieira limitava-se às praias de Formosa, Iracema e Meireles, que ficavam próximas (...) Como medida de prevenção ao contínuo avanço do mar, na Praia de Iracema, foram colocados diques de pedras restando apenas um exíguo espaço para os banhistas. A área aberta só começava após aquela praia (...) Por isso manifestava-se a opinião de que o banho de mar só progrediria com limitações, pois ‘a Praia do Futuro’, situada além do porto, constituía apenas um desejo alimentado.

Com as obras de início do Porto do Mucuripe, um loteamento criado em 1950 pela Companhia Imobiliária Antônio Diogo (fundada em 1942) surge como possibilidade de suprir as necessidades de parte da elite fortalezense, que buscava outro local para lazer. Segundo Costa (1988), a expansão em direção a esta praia ultrapassou o ramal da estrada de ferro Parangaba-Mucuripe, onde se encontrava o chamado Sítio Cocó⁴. Ainda conforme Costa (1988, p.128-129), a transposição da barreira física da via férrea e a incorporação dos terrenos de praias, dunas e mangues do Sítio Cocó tiveram início quando a Prefeitura de Fortaleza autorizou, em 1954, parcelamento do Sítio e o loteamento da praia Antônio Diogo, a chamada “Praia do Futuro”.

Após o aforamento das terras pertencentes ao antigo Sítio Cocó à primeira proprietária do loteamento, Sra. Elisa Antônio Diogo de Siqueira, no ano de 1944, e a transferência no mesmo ano de sua titularidade à Imobiliária, a Praia do Futuro iniciou uma intermitente ocupação nas décadas de 1960, 1970 e 1980 aspecto que teve consequências diretas sobre a organização do seu lazer (JUCÁ, 2003, p.134).

A Praia do Futuro foi aos poucos incorporada ao espaço urbano de Fortaleza. A exemplo de outras áreas litorâneas desponta como periferia de zona portuária.

Próximo à zona portuária, instalaram-se as indústrias que necessitam dos serviços portuários, como os moinhos de trigo, o beneficiamento de pescado, a construção naval e o terminal petroleiro. Toda essa faixa litorânea está ocupada por bares, restaurantes e clubes, no plano mais alto, após a Avenida Zezé Diogo, e por barracas de bebidas e comidas na beira da praia. Os clubes ali instalados – de engenheiros, médicos, advogados, juristas e oficiais da polícia militar – foram edificados em terrenos de praças, que deveriam servir a toda comunidade, mas foram doados, pelo poder municipal, a essas entidades (...) Com o

⁴ Segundo Costa (1988, p.124; 128; 135), o Sítio Cocó abrangia um conjunto de terras de propriedade de Antônio Diogo que a partir dos anos 1970 daria origem aos bairros de Vincente Pinzón, Papicu e Praia do Futuro.

prolongamento das avenidas Santos Dumont e Zezé Diogo e com a política habitacional que dirigiu os recursos do BNH para financiar casas para a classe média, estas áreas iniciaram um rápido processo de ocupação. (COSTA, 1988, p.143-144).

Os terrenos na Beira-Mar, no bairro Mucuripe até o estuário do rio Cocó, passaram então a ser cada vez mais valorizados em função de uma crescente divulgação de que existia uma área em Fortaleza que seria a “futura Barra da Tijuca do Ceará”⁵, referindo-se à Praia do Futuro. Estes fatores foram determinantes para um movimento imobiliário em Fortaleza em direção a essa zona liminar.

A imagem de praia distante e inexplorada que passou a ser apontada como promessa de futuro urbano foi constituindo-se a representação mais difundida. Essa idéia fundamental é sintetizada pelo jornalista cearense J. Alencar Araripe, em entrevista sobre sua vida, concedida ao jornal Diário do Nordeste, em 1995. Nela, é dada ênfase à qualidade mais associada ao lugar.

Aproveito a oportunidade para uma explicação. A denominação Praia do Futuro foi dada por mim, quando editorialista do [jornal] Correio do Ceará. Mas o que eu queria dizer é que aquela era a praia de nosso futuro urbano, e não dar um nome definitivo a ela, sem sentido, aliás, para ser um nome próprio, para ter caráter toponímico. Mas o nome pegou e ficou. (DIÁRIO DO NORDESTE, 1995).

Ao reivindicar a autoria do “nome”, embora pareça admirado com o substantivo que passou a designar o lugar, o Jornalista fornece uma pista valiosa para se adentrar as dinâmicas de classificação da Praia. “Nome” e “praia” passaram então a compor uma relação que faz Alencar Araripe justificar o que para ele “não faz sentido”, inclusive por ter se transformado em “nome próprio”. O fato é que esse “nome” originário, a despeito da intencionalidade do Jornalista, passou a alimentar outras imagens menos conhecidas.

Dentre essas, a acentuação das distâncias percorridas para alcançá-la passou a ser um dos pontos destacados nas primeiras representações “A Praia do Futuro exige automóvel. Daí por que parece ser mais selecionada ou grande”. Não só pela grande distância a ser percorrida até a Praia, ainda pouco habitada e com reduzida infraestrutura urbana, mas também pelas características de área ainda relativamente conservada e menos poluída do ponto de vista ambiental (quando comparada a outras praias da Cidade, como a Barra do Ceará, ao oeste, e a Beira Mar), a Praia do Futuro passou a ser representada desde os anos 1970 como única praia na Cidade própria para o banho de mar.

⁵ Cf. Jornal *O Povo*, de abril de 1968, “A avenida do futuro”.

A oposição simbólica a outras áreas de Fortaleza durante esse momento tinha não só uma função comparativa nítida de apontar a inexistência de problemas na Praia, mas também já revelava uma imagem ainda atribuída à ausência de condições materiais para o fornecimento de serviços básicos para o atendimento das necessidades dos que para lá se encaminhavam em busca de moradia ou lazer.

O relativo isolamento da Praia reforçava outras qualidades. É assim que sobressai nas suas referências poéticas mais conhecidas. Em “Maria do Futuro”, canção lançada originalmente pelo compositor uruguaio Taiguara, na década de 1970, e regravada em 2007 pelo cantor cearense Fagner, no trabalho “Fortaleza”, exaltam-se poeticamente suas belezas naturais. Na música, concebe-se a Praia como lugar da Cidade onde tudo parece ser mais intenso e ter início.

Duna branca, lua imensa/Maria deita, nua e branda/Com as nuvens que a lua enleita/Duas tranças uma flor/E Maria enfeitada/Suas mansas curvas cheias onde a areia aceita/Era noite de verão/Vi o amor nascer/Num sorriso seu/O luar me convidou/O mar nos temperou/E ela me envolveu/Nessa rede ela aprendeu/Minha dor se viu, minha solidão/Nessa rede eu vi nascer/Minha liberdade/Tua rede, minha sede/E o amor te trouxe/Quero ver o mar salgando o teu seio doce/E em cadeias de amor puro viver guardado/Jogo areias do futuro no meu passado.⁶

Já na música “Terral”, gravada pelo também cantor cearense Ednardo, a Praia é retratada como o lugar de origem, lugar de onde se vem e onde se quer ficar, caracterizado pelas “dunas brancas” e distante das “chaminés ou fumaça”. É de lá também que se avista do mar a orientação da “praia falando amor”.

Eu venho das dunas brancas/Onde eu queria ficar/Deitando os olhos cansados/Por onde a vida alcançar/Meu céu é pleno de paz/Sem chaminés ou fumaça/No peito enganos mil/Na Terra é pleno abril/Eu tenho a mão que aperreia, eu tenho o sol e areia/Eu sou da América, sul da América, South América/Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia, eu sou do Ceará/Aldeia, Aldeota, estou batendo na porta prá lhe aperriá/Prá lhe aperriá, prá lhe aperriá/Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia, eu sou do Ceará/A Praia do Futuro, o farol velho e o novo são os olhos do mar/São os olhos do mar, são os olhos do mar/O velho que apagado, o novo que espantado, vento a vida espalhou/Luzindo na madrugada, braços, corpos suados, na praia falando amor.

Esse tipo de “organização retórica” (GIL, 2007) sobre a Praia como lugar de desejos e de promessas parece se perder na produção fílmica “Praia do Futuro – um filme em episódios”, de 2008, realizada por um grupo de jovens cineastas cearenses reunidos em

⁶ FAGNER. *Fortaleza*. Manaus: Som Livre, 2007. 1 CD: digital, estéreo. Cf. também o artigo “Curtição presente” do jornal *O Povo*, de 15/04/1973, em referência a música composta por Taiguara.

torno da Alumbramento Produções Cinematográficas.⁷ O intervalo das canções citadas anteriormente e essa produção fílmica compreende um período em que a Praia deixa de figurar como lugar de promessas urbanas não realizadas a lugar “onde o tempo se perdeu”.

É possível como base nesse longa-metragem tratar a forma como esse lugar compôs o repertório temático dessa produção. Pude assistir ao seu lançamento exibido no centro Cultural SESC Luiz Serveriano Ribeiro, no Centro Histórico de Fortaleza. Sem uma narrativa-mestra a guiar o filme, que, como sugere o subtítulo, foi composto por pequenos “episódios”, uma maneira criativa de propor uma coleção de sons e imagens sobre a Praia do Futuro foi representada.

No título do filme, de imediato, tem ressaltado a intenção de explorar a própria ideia de futuro e a escolha do lugar que remete de alguma forma a essa imagem. Segundo um dos produtores do filme, Ivo Lopes, “a Praia do Futuro é um lugar significativo de Fortaleza e tem esse nome incrível que causa uma estranheza”. Os curtas exploram os planos estáticos do chamado cinema observacional e a fragmentação narrativa. Segundo o mesmo jornal, há no filme uma mescla de “visão onírica, poética, realista, futurista, apocalíptica e romântica da Praia do Futuro”.

Em todos os curtas, os cenários são os mesmos: as areias, com suas barracas, e o mar. As personagens aparecem quase sempre isoladas e reflexivas, como que a pensar nas possibilidades fornecidas pela realidade que se lhes apresenta. Na *Revista Cinética* algumas leituras são dignas de notas por fazer referências aos “tempos” da Praia: evita-se falar deste “presente” como se ele já estivesse informado por um “passado” ou, inversamente, afasta-se uma “narração regressiva”, “vinda de um futuro devastado”.

“Espaço” e “tempo” são constantemente confrontados na Praia do Futuro que surge dessa produção. A mistura desses elementos em certos momentos parece sugerir a estabilização de ambos. A vida parece ter cessado na Praia do Futuro. A não ser os movimentos de ir e vir das ondas, tudo o que resta no “presente” são “vazios” (físicos e oníricos) deixados pelas promessas de um lugar de futuro. É o que sobressai na mesma

⁷ As informações citadas aqui sobre o filme além de resultar de minhas impressões, foram combinadas com fontes eletrônicas e impressas que teceram comentários e avaliações sobre a produção. Os episódios foram estes: “Eu errei, você errou”, de Wanessa Malta, “Castelo de areia”, de Guto Parente e Thais Dahas, “Pedra”, de Rúbia Mércia, “Valores imaginários”, de Ricardo Pretti, “Aprender a nadar”, de Salomão Santana, “Vídeo (2008)”, de Pablo Assumpção, “Já era tempo, um filme musical sensual tropical absurdo”, de Armando Praça e Diogo Costa, “Banho de sol para dinossauros”, de Felipe Bragança, “Depois do fim”, de Ythallo Rodrigues, “p.f”, de Fred Benevides, “mar morto”, de Mariana Smith, “A linha da pipa”, de Themis Memória, “Pequena grande história”, de Luiz Pretti, e “Onde o tempo se perdeu”, de Ivo Lopes. No caso da fala de Ivo Lopes citada, consultar “Um audiovisual coletivo” In: *Diário do Nordeste*, caderno 3, de 19 de julho de 2008. Ver também: www.revistacinetica.com.br e <http://cineclausofilia.blogspot.com>

revista, quando exprime: “o espaço acaba sendo uma ideia, não uma construção, não algo imanente. São formas de interesse personalíssimo e intimista”.

Os artigos jornalísticos publicados pelo jornal *O Povo* serão tomados como meios de acesso aos dilemas que mais parecem caracterizar a Praia (lugar de promessas/“lugar onde o tempo se perdeu”) desde o momento em que ela desponta como área de crescimento da Capital do Ceará.

UMA PRAIA QUE CRESCE E APARECE

A “Avenida do Futuro” (atual Avenida Santos Dumont), que na década de 1940 já era lembrada por Sabóia Ribeiro como obra que incrementaria o crescimento para aquela região da Cidade, passava a receber uma atenção digna de nota por parte do jornal *O Povo* na década de 1960.

À noite, o panorama é puramente poético. Se faz lua. Se não se tem medo da agressão, de facada, de roubo ou desaparecimento. A treva se espalha, vinda do mar, que se diria um imenso tinteiro de nanquim entornado sobre o poroso e capilar do chão contíguo. Com uma agravante, o gemido fúnebre ou agourento das ondas. Aqui e ali, como se foram avisos aos navegantes ou marcas do amor legítimo, dezenas de carros fantasmas se aninham à margem do calçamento. E pensa-se que estão abandonados, porque ninguém enxerga viva alma dentro deles. Quando muito se flagra a cabeça de um cavalheiro. A da donzela ou matrona se esconde por trás dos encostos fofos e macios. Só o diálogo ouvido muito perto, como um sussurro, acusa mais de um personagem no drama sem platéia e por trás dos bastidores da vida. A vida noturna e turística de Fortaleza não pode parar na Beira Mar, no fim do asfalto, nos restaurantes que se agrupam ao pé da virgem dos lábios de mel. Mas o acesso à praia do Futuro é bastante difícil, depósitos de gasolina e óleo, nas passagens do trilho notadamente nas vizinhanças dos moinhos e na entrada para o nosso porto. Por que não iluminar a praia do Futuro. A municipalidade deve acompanhar o povo, criar-lhe novas áreas de respiração. Higienizar material e moralmente determinadas zonas. A cidade marcha, quando pode, como é o caso de Fortaleza, para os lados onde o sol nasce, para as bandas onde o dia amanhece mais cedo. As nossas luzes já atingiram a Barra do Ceará, o poente urbano. Programa arrojado na Praia do Futuro, a Avenida do Futuro.⁸

As obras de prolongamento da Avenida constituíram um fator preponderante para voltar o crescimento da cidade em direção à Praia. Durante os primeiros anos da década de 1970, já se cogitava na necessidade de sua expansão, com o objetivo de desconcentrar o fluxo de veículos que passava a sobrecarregar a Avenida Perimetral, situada na altura no Mucuripe, via única que servia de acesso à Praia. Com a Avenida Santos Dumont parecia se prenunciar uma espécie de “aldeotização” da Praia, já que

⁸ *O Povo*, de 22/03/1968.

parecia ser a Aldeota que se expandia, bairro cujo surgimento é concomitante à do Centro histórico da cidade e do bairro de Jacarecanga, antes de elite.

Após a construção desse principal acesso à Praia, outras imagens foram sendo alimentadas conforme ia “crescendo”. As dinâmicas de usos e classificações passaram a compor certo repertório de “maneiras de dizer” (CERTEAU, 2003) a Praia reunindo formas semânticas de julgamento e avaliação dos seus usos.

Falou-se tanto em Praia do Futuro. Mas não se está pensando no futuro da Praia. Bastou passar o piso para carros por aquelas redondezas, e as glebas se valorizaram, e as construções começaram a aparecer, a brotar na areia fina e movediça. Hoje, os ‘Chez Pierre’, os ‘Drive-in Bar’, os ‘Sombra Amena’ vão povoando de cumieiras leves ou portáteis o antigo deserto de dunas e ventos fortes. Praticamente, os banhos de mar de Fortaleza se mudaram com armas e bagagens para o lado de lá do Velho Farol, ou melhor, para as plagas onde o alcatrão e dejetos de embarcações não toldam e enegrecem as águas azuis ou alencarianamente verdes e bravias.⁹

O que sobressai nessa passagem, como designo desde agora, são referências à classificação de “praia do presente”: “bastou passar o piso (...) que as glebas se valorizaram, e as construções começaram a aparecer, a brotar na areia fina e movediça”. É possível vislumbrar na mesma passagem a junção entre as representações de “praia do futuro” e “praia do presente”, que já anunciava certa preocupação quanto ao ritmo de ocupação imposto a ela no “presente”. “Falou-se tanto em Praia do Futuro” e “não se está pensando no futuro da Praia” revelam semanticamente a sobreposição entre essas imagens.

Concomitante a classificação de “praia do futuro”, outra foi sendo estabelecida. Essa não fazia mais alusão a lugar de promessas, desejos e expectativas, mas passou a compor um núcleo representacional feito de descrições e constatações da praia que “crescia sobre o solo”, para lembrar a Aglaura de Ítalo Calvino.

O surgimento dos primeiros restaurantes (“Chez Pierre”) e casas de shows (“Drive-in Bar” e “Sombra Amena”) na “areia fina” é acompanhado por certo deslumbre ante a descoberta de uma área ainda pouco habitada, o que se reflete na maneira como a Praia é evocada (“praia de águas azuis ou alencarianamente verdes e bravias”).

O final dos anos 1970 e durante os anos 1980 a Praia do Futuro foi palco de intensa ocupação para uso residencial de classe média. As matérias jornalísticas revelam como a Praia passou a ser procurada para novas construções. Várias são as matérias que dão destaque aos lançamentos imobiliários: Edifício Costa Brava, da construtora SERVES, O Povo, de 27/04/1979; Morada do Futuro, Morada do Atlântico, Morada da Praia e

⁹ *Idem.*

Morada das Dunas, da construtora CENPLA, de 02/06/1979; Edifício Leonardo Da Vinci, da construtora PLACON, de 16/06/1979; Edifício Comodoro, pela construtora COEBA, de 29/01/1979; Em “Praia do Futuro: o paraíso dos apartamentos”, de 27/05/1980, já se indicava a atração exercida pela Praia por esse tipo de ocupação. Entre abril de 1980 e dezembro de 1981 o Jornal reservou importante espaço para esse tipo de empreendimento. Entre os edifícios lançados estão: San Martin, Giuliano, Santorinni, Ticiano e Rafaello, Malibu, Figueiredo Correa, Guararapi, Neptunus e Marseille.

Após os primeiros anos de promessas de “lugar de futuro” que acompanharam a ocupação da Praia, em grande parte associadas às vantagens locacionais e ambientais existentes da praia “que crescia sobre o solo”, a terceira imagem passou a denunciar um tempo de “decadência”. Essa “decadência” foi associada principalmente ao ritmo acelerado e “desordenado” e a estagnação das construções de edifícios multifamiliares.

Dos anos 1980 em diante um tom mais avaliativo acerca do crescimento da Praia do Futuro perpassa as matérias do Jornal. Senão vejamos: “A Praia do Futuro, maior crescimento vertical registra a saturação do mercado” (Jornal O Povo, de 25/08/1981), “Não existe projeto para a Praia do Futuro” (de 03/06/1981), “Praia do Futuro tem crescimento anárquico” (de 04/06/1981), “Exploração, poluição e nenhuma providência” (de 02/12/1981), “Praia do Futuro, a decadência continua” (de 24/01/1982), “A Praia do Futuro não é mais aquela” (de 08/02/1982), “Praia do Futuro é uma favela” (de 14/01/1983), “Ocupação desastrosa” (de 24/04/1984), “As perspectivas de crescimento” (de 27/03/1987), “A realidade e o sonho de se antecipar o futuro” (de 14/07/1987), “A Praia do Futuro foi a Barra da Tijuca cearense” (de 13/12/1987), “Adeus Praia do Futuro” (de 09/04/1988) e “Caos urbano ameaça o bairro do Futuro” (de 14/05/1989).

Além do recrudescimento das construções multifamiliares, a associação entre “decadência” e presença de freqüentadores tidos como desviantes passou também a ser constante nas representações jornalísticas sobre a Praia do Futuro desde a metade da década de 1970, quando seus “problemas” passaram a preocupar as autoridades públicas. Em matéria de abril de 1975, do jornal O Povo, uma “guerra contra a criminalidade” havia mobilizado vários órgãos para fechar bares e restaurantes cada dia mais numerosos na faixa de praia. Coube à então Delegacia de Costumes e Diversões e ao Centro de Operações Policiais (COP) evitar a presença de “prostitutas nas casas de diversão” e outros “freqüentadores”.

A Praia do Futuro surgia quase de momento como local freqüentado por famílias. Acabou a freqüência da Avenida Beira Mar. Mas, aos poucos,

começou a decair, com a presença de pessoas suspeitas. A abertura de mais bares e restaurantes deu azo à freqüência de marginais e, na maioria maconheiros e prostitutas, forçando a retirada das famílias. A Praia do Futuro tornou-se então salão de boates. Mulheres (prostitutas profissionais) remanescentes de gangues de ladrões, rameiras dos cabarés do Farol, Fascinação, Bar da Alegria e outros das ruas Barão do Rio Branco e Major facundo (já fechados pela polícia) passaram a ser as principais personagens daquele ambiente. A introdução de conjuntos musicais em alguns restaurantes agravou mais ainda a situação; aumentou consideravelmente a freqüência de menores, mocinhas que em pouco tempo se tornaram prostitutas. Gatunos fichados na polícia passaram a agir, arrombando veículos e furtando toca fitas e gravadores. O uso do tóxico na Praia do Futuro generalizou-se de tal maneira que recente estatística, levantada pela Delegacia de Costumes e Diversões, revelou que o maior índice de prisões no ano passado verificou-se naquela faixa da cidade. A Praia do Futuro, com seus bares e restaurantes e outras ‘milongas’ caiu na desgraça e passou a ser assunto da crônica policial da cidade.

Os traços de “praia do caos urbano” que se configurava, ao mesmo tempo em que passavam a se sobrepor às imagens de “praia do futuro” e “praia do presente”, reuniam julgamentos sobre aspectos morais dos “frequentadores” e dos espaços de lazer que surgiam: “pessoas suspeitas”, “marginais, maconheiros e prostitutas profissionais”, “gangues de ladrões”, “rameiras dos cabarés”, “menores”, “mocinhas”, “gatunos fichados na polícia”. Do lado dos espaços: “bares”, “restaurantes”, boates” e “milongas” contribuía para este cenário.

Até a década de 1960, a Praia é apontada como futuro urbano promissor de Fortaleza, onde o inexistente adensamento populacional e a natureza ainda preservada eram fatores preponderantes para se investir nas promessas de que a Praia passaria a sintetizar naquele momento diante da “degradação” de outras áreas da Cidade. Foi, contudo, durante as décadas de 1970 e 1980 que a Praia do Futuro constituiu do ponto de vista urbanístico, desde o “crescimento anárquico” da “praia do presente”. Importa atentar para o papel ocupado pelas barracas no novo crescimento dessa praia desde os anos 1990.

“A PRAIA MAIS BADALADA DA CIDADE”

A visibilidade alcançada dentro e fora da Cidade de “um dos maiores pontos de lazer”, “a praia da cidade” ou “a praia mais badalada” se tornou a imagem mais conhecida para moradores, visitantes, empresários e alguns atores públicos. É em decorrência, em grande parte, dessas imagens mais positivas que o trecho de praia é citado nos últimos anos em revistas nacionais e internacionais como único do tipo no Brasil a possuir grandes complexos de lazer para suporte das necessidades dos banhistas que a eles se dirigem.

É preciso destacar a posição da Associação dos Empresários da Praia do Futuro-AEPF (associação que reúne desde 1982 barraqueiros do trecho que passou a ser chamado de “praia nova”) na produção dessa nova imagem. Nos discursos dos associados, faz-se comumente alusão a atividades e qualidades que mais são associadas atualmente aos grandes complexos de barracas.

Praia ideal para o banho de mar, passeios e caminhadas. Praia para a prática de esportes – futebol de areia, futivoley, windsurf, surf, ciclismo, frescobol e voley de praia. Praia do sol, da cor morena, do estar sob a sombra das palhas de carnaúba, da cerveja, do peixe frito e caranguejo. Praia dos forrós e dos pagodes, das noites de quinta-feira, dos shows musicais e do humor cearense, do luar e das serestas. Praia dos namorados, dos encontros, das amizades, de todas as idades.¹⁰

Como visto antes, embora a Praia do Futuro tenha recebido diversas intervenções com vistas a mudar seus usos, principalmente com início nos anos 1980, década em que se intensificou a procura para práticas de lazer e proliferaram propostas de planejamento, foi só na década de 1990 que uma intervenção mais complexa foi planejada.

Essa reviravolta teve início em 1999, quando a AEPF e a Secretaria de Turismo do Estado-SETUR lançaram o Projeto Turístico “Esta Praia Tem Futuro”, um convênio por meio do qual um conjunto de problemas deveria ser solucionado, como aspectos de infraestrutura, imagem e estruturas das barracas, com a finalidade de construir, no “presente”, uma “praia de futuro”. Isso foi feito aproveitando as oportunidades de aumentar os lucros dos empreendimentos localizados na faixa de praia, favorecidas pelo aumento do fluxo nacional e internacional de turistas para a Cidade.

A justificativa dada ao Projeto pela AEPF e pela SETUR levou em consideração a ausência de investimentos do Poder Público municipal na Praia, fato que podia ser observado, pois se argumentava que se levava em conta o agravamento dos “problemas sociais”, urbanos e ambientais da Praia nas décadas anteriores, como: aumento dos casos de violência, precariedade das instalações de lazer, em particular, da “praia velha” e ausência de “profissionalização” dos barraqueiros. Para a AEPF, esse quadro contribuiu para sedimentar uma imagem negativa da Praia do Futuro. O desdobramento do Projeto Turístico, posto em prática por meio dos “grupos de trabalho”, passou a associar a imagem mais positiva de “praia mais badalada” a alguns espaços que foram assumindo certa centralidade nas suas dinâmicas urbanas.

¹⁰ Projeto Turístico “Esta Praia Tem Futuro”, Associação dos Empresários da Praia do Futuro-AEPF/Secretaria de Turismo do Ceará-SETUR, 1999-2000.

Consoante o Projeto, ficaria sob responsabilidade da SETUR uma ampla avaliação do potencial econômico da Praia, com vistas a torná-la ponto de atração dos fluxos de lazer e turismo dirigidos a Fortaleza com base em ações estratégicas de *marketing*, além de intervenções em segurança e limpeza urbana. Por parte da AEPF, caberia ampliação e modernização das barracas para incrementar novos frequentadores e outras possibilidades de negócio na Praia.

As ações materiais na Praia foram associadas em grande parte a outras mais relacionadas com o propalado *marketing* turístico-urbano, que concentrava boa parte dos investimentos públicos e privados quando se tratava do setor de serviços, divisadas como a opção mais promissora para cidades que apresentam crises urbanas periódicas, como o caso de Fortaleza, exigindo-se, portanto, a produção de imagens mais positivas das cidades associadas às transformações urbanas (MACIEL, 2010).

A posição ocupada pela AEPF no interior dessa transformação resultou em algumas mudanças fundamentais na sua atual classificação como lugar praiano. O crescimento das barracas-complexos pode ser avaliado como parte de um processo de profissionalização e fechamento do sentido atribuído à praia. Vale à pena tomar a narrativa da AEPF acerca do crescimento de certas barracas para ilustrar essa mudança de significado.

É comum nos discursos dos barraqueiros associados e nos registros documentais levantados nesta pesquisa junto à AEPF justificar a necessidade dos grandes complexos de lazer no concernente à improvisação das primeiras barracas e das qualidades do público, que, por volta das décadas de 1960/1970, se dirigia à Praia do Futuro em busca do seu lazer praiano: um público, na avaliação da Associação, “simples, descontraído, informal e desprogramado”. Os significados de palavras como “barraquinhas”, “organização”, “público”, entre outras, revelam outras apropriações semânticas realizadas pela AEPF das transformações dos usos do lazer praiano, em referência às qualidades atribuídas às barracas-artesanais.

O tom das narrativas da AEPF que tomam esse momento por “mito de origem” é em grande parte romantizado, mas também classificado: “os frequentadores chegavam para um banho de mar, uma caminhada, almoçavam com os pescadores, às vezes esperavam o pôr-do-sol, ficavam até à noite à espera da ‘lua cheia’. Enquanto isso, faziam fogueiras, ouviam ‘estórias de pescador’, tocavam violão, assavam peixes na brasa e bebiam algumas doses de caipirinhas e cervejas, acompanhados por seus anfitriões: os

pescadores”. (AEPF, “Praia do Futuro: passado e presente”, “O primeiro público, seu comportamento e anseios”, de 10/09/2002).

O aumento desse público e sua diversificação exigiam uma “certa organização, um pouco mais de conforto, um planejamento antecipado”. “As primeiras barraquinhas de lona” ficaram a cargo dos pescadores responsáveis por improvisar uma estrutura de atendimento. Os serviços de bar eram feitos também “de forma muito simples”; as bebidas conservadas “no gelo em isopor”; da mesma forma cocos, refrigerantes, caipirinhas, preparadas na hora. Os serviços de cozinha não eram sofisticados quando comparados aos grandes complexos de barracas atuais. Normalmente, “os tira-gostos eram da pesca dos próprios pescadores, que serviam peixes fritos ou assados na brasa. Tudo isso acompanhado do famoso baião-de-dois, farofa e pirão”. (AEPF, “Praia do Futuro: passado e presente”, “A improvisação dos primeiros serviços de atendimento”, de 10/09/2002).

Para a Associação, nascia aí “uma atividade própria da vocação cearense”: as barracas de praia. Contudo, em decorrência do aumento do público,

que se dividia em grupos ‘acampados’ em vários pontos da praia, as barraquinhas móveis e incertas foram cedendo lugar a estruturas mais consistentes. Estas, por sua vez, atraíam um público cada vez maior que exigia dos estabelecimentos melhorias nas instalações e na prestação dos serviços. Por conta disto, a praia foi ‘pontilhada’ por barracas de maior porte, onde o proprietário e o ‘grupo’ frequentador daquele ponto decidiam juntos o cardápio, os eventos, o tipo de música e até sobre a ampliação da barraca. (AEPF, Praia do Futuro: passado e presente, “A crescente ocupação da faixa de praia por barracas e a constituição de uma ‘cultura da Praia do Futuro’”, de 10/09/2002).

Em tom conclusivo, a narrativa lembra que, 40 anos depois, apesar das mudanças, ainda se conserva a “essência” da barraca de praia.

Acreditamos que é isto exatamente que faz a Praia do Futuro o que ela é: a praia preferida da população de Fortaleza, atendendo aos anseios de diversos segmentos sociais e encantando os turistas que visitam nosso estado e que encontram as mais variadas e saudáveis noites de lua cheia, aos esportes, aos shows de música ao vivo, de humorismo e animação infantil, além de nossa deliciosa culinária, que os mantém na praia até nos horários das principais refeições. Sem esquecer as efervescentes noites de quintas-feiras, onde o caranguejo ‘reina’ como a maior referência gastronômica da cidade, saboreado por todas as gerações.

A referência às barracas de praia “que cresceram sobre o solo” feita pela AEPF importa nesse sentido, porque a existência e os aspectos de distinção das estruturas arquitetônicas dos complexos de barracas de praia, mais abertas esteticamente e fisicamente do que os antigos clubes profissionais, aliadas a maior diversidade social de seus públicos, não permitem ser reduzidos apenas a critérios de pertencimento a determinada categoria

profissional. Em contraste, outros critérios estão envolvidos diretamente nas escolhas e nos usos dessas estruturas por parte dos atores que se dirigem atualmente à Praia do Futuro com interesses no seu lazer, como gostos musicais, ornamentação das barracas, alimentação, preferências sexuais, estilos de vida, *shows*, presença ou ausência de serviços, como lojas de conveniências, salas de vídeo, berçários etc e outros equipamentos, como parques aquáticos e *playgrounds*.

Essa diversidade de usos e de motivações e a existência de grandes instalações para o lazer associados às disputas travadas nos últimos anos em torno da definição jurídica de “praia” (“área comum do povo”, “espaço público”) são indícios empíricos importantes para o entendimento de sua redefinição como lugar praiano.

Em 2005, após tomar conhecimento da Ação Civil Pública movida pelo Ministério Público Federal contra os barraqueiros da Praia do Futuro, o Fórum de Turismo do Ceará, espaço governamental que integra vários agentes com interesses na atividade turística no Estado, incluindo a AEPF, lançou uma “Carta Aberta” à população de Fortaleza para que esta se manifestasse em relação à possível retirada das barracas de praia, argumentando que estas já fazem parte do contexto visual e turístico de Fortaleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A visibilidade alcançada pela Praia do Futuro como “a praia mais badalada da cidade” ocorreu no momento em que Fortaleza despontou como opção de destino para os fluxos turísticos que buscavam nas cidades litorâneas do nordeste do Brasil alternativas para lazer e turismo. No que diz respeito à Praia, essa classificação tem efeitos políticos que não podem ser menosprezados, porquanto as modificações operadas nos ditos empreendimentos turísticos e de lazer atuam diretamente nas formas públicas de apropriação da sua faixa de praia.

A classificação de “a praia mais badalada da cidade” foi sendo alimentada pelos novos usos do seu lazer praiano, em grande parte, identificadas pelas barracas-complexos. Apresentadas como mais sofisticadas em termos arquitetônicos e mais badaladas no que se refere à animação das quintas do caranguejo, do domingo de sol e mar e dos dias de *shows* e eventos, elas materializam disputas simbólicas em torno dos limites e significados de praia.

Um jeito talentoso de formular o problema abordado neste artigo, o da relação entre “nome” e o “que cresce sobre o solo”, foi sugerido por Ítalo Calvino ao tratar da Aglaura, uma das suas cidades imaginárias. Para os moradores de Aglaura, a cidade

parecia crescer apenas em função do nome. Ao se observar apenas a Aglaura que crescia sobre o solo, Calvino se limitou a deslocar o problema.

O exemplo da Praia do Futuro é representativo por envolver problema semelhante, mas solução distinta, pelo menos para aqueles que hoje a classificam como principal lugar do lazer praiano. Nos diversos discursos sobre a Praia as classificações mais comuns (“praia do futuro”, “praia do presente” e “praia do caos urbano”) articulam-se com os usos num modo singular de nomeá-la. Ela ensina que a melhor forma de compreender os significados de um espaço urbano no interior de uma cidade é atentar para as maneiras como “o que cresce sobre o solo” e “nome” são mobilizados segundo as posições ocupadas no seu interior. Foi em relação a esse modo de tratar do problema assinalado que empreendi importantes descobertas sobre a Praia do Futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Maria Clélia Lustosa da. *Cidade 2000: expansão urbana e segregação espacial em Fortaleza*. São Paulo: Universidade de São Paulo/Departamento de Geografia, Dissertação de Mestrado, 1988.

DEPAULE, Jean-Charles; TOPOLOV, Christian. “A cidade através de suas palavras” In: BRESCIANI, Maria Stella (Org). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

FREIRE, Ricardo. *100 praias que valem a viagem: uma seleção das praias mais gostosas do Brasil*. São Paulo: Ed. Globo, 2008.

GIL, Rosalind. “Análise de discurso” In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Org). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 6 ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007, p.244-270.

GONDIM, Linda Maria de Pontes. *O Dragão do Mar e a Fortaleza pós-moderna: cultura, patrimônio e imagem da cidade*. São Paulo: Annablume, 2007.

JUCÁ, Gisafran Mota. *Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960)*. São Paulo: Annablume, 2003.

MACIEL, Wellington. *O Aeroporto e a Cidade: usos e significados do espaço urbano na Fortaleza turística*. Fortaleza: EdUECE, 2010.

PONTES, Albertina Mirtes de Freitas. *A cidade dos clubes: modernidade e “glamour” na Fortaleza de 1950-1970*. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

ZUKIN, Sharon. “Paisagens urbanas pós-modernas: mapeando cultura e poder” In: ARANTES, A. (Org). *O espaço da diferença*. Campinas-SP: Papirus, 2000, p.80-103.

OUTRAS FONTES

FAGNER. *Fortaleza*. Manaus: Som Livre, 2007. 1 CD: digital, estéreo.

Jornal Diário do Nordeste

Jornal O Povo

<http://cineclausofilia.blogspot.com>

Projeto Turístico “Esta Praia Tem Futuro”, Associação dos Empresários da Praia do Futuro-AEPF/Secretaria de Turismo do Ceará-SETUR, 1999-2000.

www.revistacinetica.com.br